

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS
VII CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO

INDISCIPLINA NA ESCOLA PÚBLICA:
DE QUEM É A CULPA?

Maria Jacinta de Sousa

PATOS — P.B.
2004

MARIA JACINTA DE SOUSA

INDISCIPLINA NA ESCOLA PÚBLICA: DE QUEM É A CULPA?

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, do Departamento de Ciências Básicas, da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para obtenção do Grau de Especialista em Educação.

Orientadora: Alana Candeia de Mélo

PATOS - PB
2004

INDISCIPLINA NA ESCOLA PÚBLICA: DE QUEM É A CULPA?

MARIA JACINTA DE SOUSA

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. ALANA CANDEIA DE MÉLO

ORIENTADORA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

MARIA DO CARMO LUCENA PEREIRA

1º EXAMINADOR

VALTER RIBEIRO DA SILVA

2º EXAMINADOR

AGRADECIMENTOS

- **A DEUS**

Senhor, como é bom sentir a plenitude do Teu amor, dando-me forças para enfrentar as barreiras do dia-a-dia, que muitas vezes desestimulou-me e pensei em desistir. Mas Tu, com Teu imenso amor me deu forças para prosseguir. É por isso que nesse momento em que concluo esta etapa, Te agradeço por tudo: pela bondade, misericórdia e forças. Obrigada!

- **À MINHA MÃE**

A você nunca serei suficientemente grata. Obrigada pelo vosso exemplo e esforço. Talvez eu não saiba exprimir em palavras o especial carinho, o amor sincero e a gratidão que vos dedico, mas divido contigo os méritos desta conquista, porque ela vos pertence.

- **AOS MESTRES**

Agradeço a todos os professores, que com paciência e carinho me ensinaram, e de alguma forma contribuíram para que essa pesquisa se concluísse, o meu mais sincero obrigado.

Em especial, agradeço a Alana Candeia de Mélo, pela sua dedicação e esforço em busca das informações necessárias para a realização deste trabalho.

- **AOS COLEGAS**

Agradeço a todos os colegas do Curso pela compreensão e apoio, pela experiência e conhecimentos cedidos.

À Diretora da Escola, professores, pais e alunos que participaram da pesquisa, pela grande parcela de contribuição para a realização deste trabalho.

- **A AMANDA V. ALBUQUERQUE**

Meus sinceros agradecimentos pelo incentivo, paciência, ensinamentos e apoio.

“A educação popular se dá enquanto acontece o processo de mobilização e de organização de seu povo, que pensa, reflete, questiona e analisa a sua realidade de forma participativa e cooperativa, preservando sempre as raízes culturais.”

PAULO FREIRE

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os culpados pela atual crise disciplinar nas instituições escolares públicas, bem como as causas e as soluções para a indisciplina na escola. Na escola, e até mesmo nos meios sociais é um fator preocupante a todos nela inserido, que, constantemente estão a pensarem e a repensarem sobre possíveis estratégias a serem tomadas diante desse fato. Para tentar responder a essa inquietação, realizou-se uma pesquisa na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Maria Nunes, escola da rede pública estadual (Paraíba), procurando analisar as opiniões nos diferentes contextos: familiar, escolar e social. Com essa pesquisa conclui-se que os culpados pela indisciplina são a família, a escola e a sociedade, pois não interagem conjuntamente para que haja a disciplina. Portanto, somente uma transformação no tipo das relações estabelecidas dentro das escolas, famílias e da sociedade poderá fazer com que o problema da indisciplina seja encarado sob uma perspectiva diferente.

Palavras chaves: indisciplina, escola, família, sociedade, comportamento, responsabilidade.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

EPIGRAFE

FOLHA DE APROVAÇÃO

1. INTRODUÇÃO	7
2. REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1 CONCEITOS DE DISCIPLINA	10
2.2 INDISCIPLINA NA FAMÍLIA	12
2.3 INDISCIPLINA NA ESCOLA	17
2.4. A prática pedagógica e as causas da indisciplina	19
2.4.1. O papel da escola	19
2.4.2. O papel do professor	20
2.4.3. O papel do aluno	23
4. METODOLOGIA	26
4. APRESENTAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E RESULTADO DOS DADOS	28
4.1 Caracterização do local da pesquisa	28
4.2 A indisciplina da concepção dos professores	30
4.3 O aluno, seus limites e os fatores disciplinares	35
4.4 A família, fatores sócio-econômicos e os limites disciplinares	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
ANEXOS	
ANEXO I – ENTREVISTA REALIZADA COM OS PROFESSORES	
ANEXO II – ENTREVISTA COM ALUNOS	
ANEXO III – ENTREVISTA COM OS PAIS	

1. INTRODUÇÃO

A indisciplina é um fator de perturbação no funcionamento da Escola. É um problema gerador do aumento da insegurança e do surgimento da violência no espaço escolar. A identificação e compreensão das principais causas da indisciplina na Escola são tarefas nas quais se deve envolver prioritariamente a comunidade educativa – professores, estudantes, funcionários e pais.

A indisciplina ocorre nos corredores, no pátio, nos banheiros, nas imediações da escola, nas festas e eventos escolares, e, principalmente, na sala de aula. Manifesta-se nos alunos que jogam bolas de papel, aviõezinhos, mascam chicletes, escrevem com corretivos nas paredes e nos armários, quebram carteiras e cadeiras, vêm sem uniforme, ficam de boné, roubam material do colega, destroem trabalhos afixados nos murais, entram e saem da sala sem pedir licença, respondem ironicamente ao professor, não fazem as tarefas, não entregam os trabalhos, e por aí afora. É claro que tudo isso conspira contra o professor, frustrando-o, desmotivando-o e, muitas vezes, levando-o a perder a compostura.

Porém, a escola não pode apenas ficar reclamando e procurando o culpado pela indisciplina. Tem que romper o círculo vicioso que se estabelece entre a escola, professores, alunos e família, cada qual responsabilizando o outro: a escola não institui medidas coercitivas; os professores são permissivos; a direção não apoia o professor; o aluno não respeita autoridades; os pais não estabelecem limites. Precisa entender o problema, analisando-o, identificando todos os seus condicionantes e vinculando-os; propor ações mediante o estabelecimento de metas, tendo em vista a solução ou diminuição do problema.

Sabe-se que a escola é a instituição responsável pelo bom desempenho individual e pela interação dos indivíduos com os demais no grupo. No entanto o meio escolar tem vivido situações novas cada vez mais constantes, entre elas, o estranhamento e a alienação de professores e alunos em relação ao processo educativo. Alunos indisciplinados, professores insatisfeitos, risco constante de violência. Este tem sido o "real" trazido pela mídia a respeito da educação, abrangendo de uma forma geral toda a sociedade. Um real construído de imagens e símbolos padronizados; desencadeando muitas vezes uma reação

emocional de tal ordem que parece um rastilho de pólvora a ser transmitido, como pôr contágio, de uma escola para outra, de um professor a outro, de um aluno a outro, de um pai a outro.

As escolas ficam com uma crença de que agora o seu real é essa violência, em forma de indisciplina dos alunos e insatisfação e desânimo dos professores. As concepções de escola e educação que os educadores traziam e que aparentemente tinham um discurso determinado mudaram, pois acreditava-se que eles saberiam o que precisaria ser feito e onde seria possível chegar. Há algo de novo no ar, sendo tecido nas escolas, e fora delas, alastrando-se pôr toda a sociedade. A indisciplina na escola, nas salas de aula e, até mesmo, nos meios sociais, é um fator preocupante que leva a todos, nela inseridos, a pensarem e repensarem sobre suas causas e a buscarem soluções.

As escolas não ocupam mais o lugar sagrado que ocupavam no passado. Agora elas parecem uma instituição como outra qualquer. Porém quando se avança nas discussões constata-se que grande parte dos educadores não consegue mais ter clareza do que esta acontecendo na escola. Tem-se discutido muito em reuniões pedagógicas, conselhos de classes e nos pequenos intervalos de aula sobre os fatos e fatores indisciplinares que freqüentemente têm ocorrido na maioria das escolas.

Quase sempre se procura encontrar o culpado da atual crise disciplinar, tentando apontar este ou outros fatores que levam a atitude das crianças e adolescentes não serem condizentes com o meio onde estão inseridos. Para identificar as causa da indisciplina escolar fez-se necessário fazer um estudo qualitativo dos fatores que levam à indisciplina, que por sua vez interfere no processo de aprendizagem e construção do conhecimento.

É esse estudo que se buscou junto à comunidade escolar para levantar fatores preocupantes pois, a partir daí torna-se mais fácil encontrar soluções. Para isso foram coletadas informações de todos os envolvidos na comunidade escolar. Esta coleta foi desenvolvida por meio de questionários e observações informais, analisando-se as opiniões nos diferentes contextos: familiar e escolar (professores e alunos). No primeiro momento fez-se uma abordagem do contexto familiar evidenciando os limites e a liberdade das crianças e adolescentes no cotidiano. No segundo momento enfocou-se no contexto escolar, como estão sendo abordados os casos de indisciplina e relacionando-os com a liberdade

limitada ou não. Analisou-se ainda o contexto social, onde se abordou a interferência sócio-econômica no fator disciplinar.

A estrutura da pesquisa ficou dividida em quatro partes, sendo que na primeira parte a ênfase foi aos conceitos de disciplina e indisciplina conforme grandes teóricos, a prática pedagógica e as causas da indisciplina e a indisciplina na escola pública. Logo após tratou-se de descrever todo o processo metodológico, passando-se então, na terceira parte, a apresentação e interpretação do resultados, seguida da quarta parte, onde foram feitas algumas considerações finais, contemplando nestas, algumas propostas pedagógicas para superar as causas mais comuns da indisciplina na escola.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 CONCEITOS DE DISCIPLINA

Todo ser humano, desde seu nascimento, é submetido a regras externas, pela família ou pessoas próximas, normalmente com costumes adequados à sociedade maior de qual fazem parte. Assim, quando adquire padrões de comportamento que são habituais e aceitáveis ao seu grupo social, se torna um indivíduo socializado e faz com que atue, sinta e pense de forma semelhante aos demais com quem convive.

É importante salientar que o ser humano desenvolve sua personalidade influenciado pelos fatores do meio, formando sua história pessoal, que considera os dados adquiridos e os dados biopsicológicos herdados, os quais são características próprias que o tornarão único e portanto, irão diferenciá-lo na sociedade. Nessa sociedade, seja ela abrangente ou apenas pequenos grupos, como a família, as influências culturais na formação de atitudes são múltiplas e constantes e procuram fazer com que as pessoas passem a agir e a pensar da forma que eles propõem. Para tanto são formuladas regras, normas ou leis.

Para entender a indisciplina primeiramente é preciso conhecer os conceitos de disciplina, que podem ter enfoques diferentes conforme a visão de cada autor e que merecem ser comentadas. *“A disciplina pode ser entendida como o processo de construção da auto-regulação do sujeito e/ou grupo, que se dá na interação social e pela tensão dialética adaptação-transformação, tendo em vista atingir conscientemente um objetivo”* (Vasconcellos, 2000). A disciplina não é apenas uma maneira passiva de se agir mas, um respeito mútuo, onde as normas e limites são colocadas para que se possa trabalhar, desenvolver e transformar a realidade sem agredir a já existente. Portanto, há a necessidade de se adaptar às regras e isto se dá num processo interpessoal do sujeito assim como da convivência em grupo e também em sociedade. Após este processo de adaptação é que estará apto a interagir e transformar o ambiente em que vive e conseqüentemente criando novas normas a serem seguidas.

Analisando os conceitos de disciplina no sentido geral percebe-se que está diretamente ligada a todos os meios: social, moral e intelectual, refletindo principalmente nas escolas que são responsáveis em ajudar no desenvolvimento

dos indivíduos em todos os seus aspectos. Desse modo é necessário compreender a disciplina, também no contexto escolar, que apesar de ter a mesma fundamentação pode assumir conotações específicas pois a escola reúne pessoas de grupos diferentes que buscam um objetivo comum. Para tanto as normas mudam em relação ao meio de origem de cada um.

Para Franco (1986) a disciplina escolar está indissoluvelmente ligada ao processo de transmissão e assimilação dos conhecimentos elaborados historicamente pelo homem. Dessa forma a identificação e compreensão das principais causas da indisciplina na Escola são tarefas nas quais se deve envolver, de forma efetiva, a comunidade educativa – professores, estudantes, funcionários e pais.

A disciplina antes de ser cobrada tem que ser ensinada. O aluno deve saber o que é disciplina e porque precisa dela. A grande maioria dos alunos quando vem à escola, não tem noção dos comportamentos que são favoráveis às relações com seus companheiros de vida e conveniente às conquistas que deseja realizar. Traz o conhecimento e os hábitos próprios de sua família e de seus pares. Esses hábitos quando trazidos para o ambiente escolar devem ser trabalhados e modificados para que haja um compartilhamento do espaço e conseqüentemente de suas atitudes. Nem sempre esse processo de transformação acontece ocasionando dificuldades de convivência e/ou atritos, conflitos que podem ser interpretados como indisciplina.

Para Garcia (2001) indisciplina se refere às condutas, atitudes, modos de socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, que demonstram os estudantes e que tendem a não reproduzir, divergir ou mesmo negar as orientações, expectativas ou oportunidade apresentadas pela escola. Quando o aluno desperdiça as chances oferecidas está prejudicando sua vida, sua conduta, terceiros e muitas vezes isso irá refletir na sociedade em que vive.

Observando os comportamentos individuais do ser humano inserido na sociedade é que se pode dizer se ele está de acordo com as regras ou não. *“Ocorre que as relações entre os homens podem ser alienadas, reificadas, coisificadas, ou seja, os limites estabelecidos podem não corresponder às reais necessidades dos sujeitos, mas à necessidade de um ou outro, ou de apenas um grupo em detrimento dos demais”* (Vasconcellos, 2000). Qualquer postura do

indivíduo em relação aos limites a que é submetido, pode ser considerado (in)disciplina.

2.2 INDISCIPLINA NA FAMÍLIA

Atualmente o grande foco da crítica e da atribuição de responsabilidade pelos problemas da indisciplina na escola está sendo o aluno e, especialmente sua família. De fato, percebe-se muitas famílias desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades para a escola, entre outros. Tudo isso é verdade. Objetivamente, a família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos. Neste sentido, os educadores têm razão em levantar esta falha. No entanto, esta é a manifestação imediata; isto é o que aparece. O que não se em feito é ir além desta constatação.

Percebe-se que cada vez mais os alunos vêm a escola com menos limites trabalhados pela família. Muitos pais chegam mesmo a passar toda a responsabilidade para a escola: "pode bater, pode fazer o que quiser; eu já não posso mais com ele". Mediante suas remotas experiências como estudantes e a desorganização da classe que os filhos relatam, os pais acabam exigindo da escola uma postura autoritária. É preciso ajudá-los a compreender que existe uma outra alternativa, que supera tanto o autoritarismo, quanto o espontaneísmo.

As relações estabelecidas na família são marcadas por bons e maus momentos. O sentimentalismo é muito forte nestas relações e se torna difícil equilibrar o emocional e o racional. Muitas vezes as transgressões disciplinares são encobertas por esses sentimentalismos. Agressividade, tirania, birra e demais comportamentos correlatos surgem, na maioria das vezes por maus exemplos dentro de casa, isso se dá porque muitos adultos não querem crescer e transmitem essa insegurança para os filhos. Não sabem como dosar liberdade e responsabilidade para seus filhos. É uma crise de autoridade que atinge muitos pais.

Para ZAGURY (2000),

"os pais de hoje trabalham mais e passam menos tempo com os filhos. Quando chegam do trabalho, ambos estão cheios de culpa pela ausência e para minimizar esse

sentimento, tornam-se muito permissivos, deixam de estabelecer limites e de ensinar o que é certo ou errado."

Alguns teóricos da psicologia da educação mostram que as dificuldades de aprendizagem estão ligadas a problemas emocionais, como carência afetiva, frustrações e falta de adequação das situações emocionais vividas. Por medo de que os filhos sofram esses problemas, acabam por afrouxar a disciplina familiar, ceder às vontades dos filhos com muita facilidade e com pouco ou nenhum limite, acabando por afetar, de modo quase irreversível, a formação dos mesmos. Os exemplos de crianças muito inteligentes que não conseguem resolver seus problemas emocionais e que apresentam dificuldades de adaptação e rendimento escolar são citados por inúmeros profissionais e também na literatura sobre o assunto.

Segundo a professora de psicologia Marilda Lipp, citada por Venturi (1999) "*O comportamento frouxo não faz com que a criança ame mais os pais. Ao contrário, ela os amará menos, porque começará a perceber que eles não lhe deram estrutura, se sentirá menos segura, menos protegida para a vida*". Esse sentimentalismo pode interferir muito no processo disciplinar da família.

Outra preocupação que aflige pais é a idéia de que a disciplina está relacionada ao autoritarismo. Confundem normas com vontades próprias e esquecem que autoridade não quer dizer autoritarismo. A liberdade em casa, pode ser estabelecida mesmo que existam regras, pois ser livre é ter opção de escolha, poder decidir sobre aquilo que tem vontade, o que leva a agir com responsabilidade e sem ultrapassar os limites a que está sujeito.

Quando há a preocupação dos pais com a educação dos filhos, existe uma chance maior de que a disciplina se estabeleça, pois "na maioria das vezes, os pais agem movidos pelo mais legítimo e verdadeiro desejo de acertar, de dar aos" filhos o que de melhor eles têm. Nem sempre, porém o conseguem" (Zagury, 1997).

Outra dificuldade está na falta de diálogo. O excesso de obrigações profissionais e sociais faz com que os pais tenham cada vez menos tempo para conviver com os filhos. Conforme cita Pereira (2001):

Os pais ocupam-se pouco da educação e do acompanhamento dos filhos, porque dispõem de pouco tempo para eles, ocupados estão o dia inteiro a ganhar dinheiro para o essencial e muitas vezes cedendo com

facilidade a chantagens emocionais dos filhos, no sentido de obterem cada vez mais facilidades e maior permissividade. Também a geração dos atuais pais é de certo modo vítima de uma progressista indiferenciação de valores que vem se acentuando cada vez mais. A televisão os media (...) oferecem modelos assentes no incentivo ao consumismo cada vez maior...

Se esse é um problema significativo quando os pais convivem diariamente com seus filhos, a situação se agrava quando os pais são separados e essa convivência é ainda mais limitada. Há que se observar ainda a pressão psicológica sofrida pelos filhos em situações como essa, onde precisam dividir o tempo entre o pai e a mãe e muitas vezes precisam escolher com quem passar a maior parte desse tempo. Nessa situação também fica fácil os pais se perderem no momento de estabelecer limites aos filhos e na cobrança do cumprimento dos mesmos.

Famílias mais estruturadas também não ficam imunes ao processo educacional. Pais que titubeiam no cumprimento de certas regras sociais deixam os filhos sem parâmetros. É a educação pelo exemplo.

Segundo Vasconcellos (2000):

Os responsáveis pela família de classe pobre acabam tendo que trabalhar mais para poder garantir a sobrevivência. Os de família de classe média e alta, de um modo geral, trabalham mais para poder consumir mais e sustentar um padrão de vida mais elevado que os demais.(...) objetivamente, a família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos.

Há ainda o fator da estimulação precoce que faz os filhos se tornarem mais críticos cada vez mais cedo. E essa precocidade é reflexo do medo dos pais de uma sociedade competitiva. Segundo Zagury (2000), "cada vez mais cedo os pais procuram dar estímulos para os filhos não ficarem para trás. Só que acabam exagerando". Por causa disso, acabam incentivando atitudes não muito éticas e perdem a credibilidade perante os filhos.

Analisando com mais detalhes, tudo está relacionado à mudanças da sociedade como um todo. A partir da década de 70, houve profundas mudanças no perfil da sociedade: uma crescente urbanização ocasionando um desenraizamento econômico, cultural, afetivo e religioso, com acelerado processo de industrialização e de expansão das telecomunicações. Essas mudanças têm

provocado uma homogeneização cultural que torna a vida social mediada por diferentes estilos, lugares e imagens fornecidos pela mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados. Isso faz com que as identidades culturais se tornem desvinculadas de tempo e lugar, ao mesmo tempo em que favorece o consumismo e altera hábitos familiares no sentido de que os pais perdem espaço para a mídia que dita regras, modas e influencia diretamente na escolha dos costumes principalmente de crianças e jovens.

A sociedade do século XXI vive um período de crise ética, que no Brasil está constantemente retratada principalmente no campo da política quando vêm à tona casos de corrupção, desvios de dinheiro público, má distribuição de renda e indiferença dos governantes à classe trabalhista, acentuando o desemprego e o subemprego. A crise econômica, o consumismo, a competição exacerbada no mercado de trabalho e os valores invertidos são os principais fatores de desagregação familiar.

Pensar em disciplina exige pensar também em limite e em sentido. A desorientação da sociedade, principalmente nas classes que definem o sentido (partidos, igreja, família, escola, ciência) representam realidades cada vez mais instáveis, servindo para definir a identidade social dos indivíduos com profunda crise de sentidos.

De acordo com Pellanda (2000), *"a situação contemporânea exige de nós um esforço para compreender o que está acontecendo, para além de nossos preconceitos, para além dos limites, que nos são impostos pela cultura particular no seio da qual estruturamos nossas maneiras de fazer sentido"*. Ao analisar todos esses fatores, percebe-se que para uma criança advinda de ambientes problemáticos ou desestruturados, onde o cumprimento das normas se faz ausente, ou aquela que é fruto de um meio social em crise, é fácil passar por dificuldades de adaptação ou mesmo de compreensão dos limites impostos por organizações sociais, como a escola. Isso contribui muito para que se propague um número cada vez maior de casos de indisciplina no âmbito social, familiar e escolar.

Muitas vezes a escola espera genericamente que a família "ajude" ou "não atrapalhe". Isto não é suficiente. A escola precisa investir no trabalho de formação e conscientização dos pais. Deve-se esclarecer aos pais a concepção de disciplina da escola, de forma a minimizar a distância entre a disciplina domiciliar

e escolar. Diante de toda crise, as famílias estão desorientadas. Muitos educadores argumentam que não seria tarefa da escola este trabalho com as famílias. De fato, só que concretamente se não fizermos algo já, enquanto lutamos por mudanças mais estruturais, nosso trabalho com as crianças ficará muito mais difícil.

A culpa da indisciplina do aluno à educação recebida na família, assim como à dissolução do modelo nuclear familiar: "Esta criança tem uma criação familiar totalmente autoritária, está acostumada a apanhar e receber severos castigos, por esta razão não consegue viver em ambientes democráticos"; "Se os próprios pais não sabem dar limites eu é que não vou dar!"; "A maior parte dos meus alunos vem de lares desestruturados, são filhos de pais separados, por isso apresentam este comportamento tão agressivo". Ou ainda a falta de interesse dos pais em conhecer e acompanhar a vida escolar de seus filhos: "O problema da indisciplina está associado a desvalorização da escola por parte dos pais: eles nunca aparecem na escola, muito menos nas reuniões, não acompanham as lições e nem assinam as advertências!". Neste caso, a responsabilidade pelo comportamento do aluno na escola parece ser única e exclusivamente da família. Novamente a escola se isenta de uma revisão interna, já que o problema é deslocado para fora de seu domínio.

Sabe-se que a família é o primeiro contexto socializador da criança, não podemos ignorar este fator, mas não podemos lhe atribuir toda a culpa pela indisciplina da criança. Em casa, como na escola, também há modos diferentes de promover a disciplina. As autoras Moreno e Cubero (1998), identificaram três estilos básicos que a família tem para lidar com a indisciplina:

- a) Pais autoritários, pouco afetuosos e comunicativos, bastante rígidos, controladores e exigentes, com padrões rigorosos de conduta. Os filhos devem obedecer às normas preestabelecidas, mesmo que não as compreendam. Diante da transgressão, os pais ameaçam e infligem castigos físicos. Seus filhos costumam ser obedientes, organizados, mas também tímidos, com pouco autonomia e baixa auto-estima.
- b) Pais permissivos, valorizam o diálogo, o afeto, interessam-se muito pela opinião da criança. Mas, como tem grande dificuldade em exercer qualquer controle sobre ela, cedem a todos seus caprichos. Não estabelecem limites e não costumam exigir responsabilidades dos

filhos. Por isso, embora alegres e dispostas essas crianças são em geral, impulsivas e imaturas e não conseguem assumir obrigações.

- c) Pais democráticos são os mais equilibrados. Demonstram alto nível de comunicação e afeto, estimulam os filhos a dar suas opiniões, são flexíveis mas conseguem fixar limites e regras claras, bem explicadas. Seus filhos têm maior autocontrole, auto-estima, iniciativa e sociabilidade.

É importante considerar que todas as pessoas que estão em contato com a criança estão servindo de padrão de identificação. A função de ensinar deve ser compartilhada pelos adultos que convivem com a criança, uma vez que a intensidade da fantasia auto-agressiva exige determinado acúmulo de autoridade até que a noção ministrada seja internalizada pela criança. Segundo Juska (1995), é importante que a criança expresse seus sentimentos e aprenda que os sentimentos não são um problema, mas que o mau comportamento é, sim, um problema.

2.3 INDISCIPLINA NA ESCOLA

Segundo Makarenko, citado por Vasconcellos (2000): "*Na velha escola, a indisciplina era entendida como algo heróico, como proeza e em qualquer dos casos, como algo engenhoso, como um espetáculo divertido*". Comentários mostram exemplos de alunos que praticavam proezas como colocar algo estranho na cadeira do professor para ver sua reação ou, as vezes ficar escondido para não formar fila nos horários da entrada do recreio. Essas pequenas atitudes eram consideradas grandes indisciplinas e tratadas com absoluto rigor. As punições desse período eram encaminhamentos à direção, suspensão da escola e, até mesmo, expulsão, dependendo da gravidade do ato. Também nesse período considerava-se indisciplina apenas a falta cometida pelo aluno.

As mudanças ocorreram e desta visão totalmente tradicional passou-se para o extremo oposto, ou seja, totalmente liberal, onde a liberdade quase sem controle e sem limites foi ganhando espaço, surgindo os grandes problemas de indisciplina que aflige a maioria das escolas. Sabe-se que muitas foram as causas para essa falta de controle sobre as atitudes das crianças e adolescentes no contexto escolar. Primeiramente deve-se ao fato de ter havido grande

transformação da sociedade, que antes reprimia muito e agora, dentro das novas visões teóricas da psicologia, a família deixou de cobrar certas atitudes da criança por medo de causar traumas e conseqüentes danos psíquicos, o que contribuiria para afetar sua aprendizagem.

Nas escolas, a mudança da sociedade, contribuiu para a formação das novas regras e princípios que organizariam o trabalho, onde do rigor absoluto passou-se para a democracia que não foi bem entendida, fugindo ao controle dos envolvidos nesse contexto. A escola idealizada e implantada para indivíduos subordinados tornou-se incapacitada de administrar o seu território de maneira a atender esse novo sujeito, por não conseguir formar cidadãos que ultrapassem o senso comum e com isso acabar educando cidadãos subalternos, sem conhecimentos necessários para transformar-se a si mesmos e a sociedade. (FRANCO, 1986)

A escola não está preparada para educar o fruto dessa sociedade. Conforme cita Aquino (1996) "é possível constatar que guardamos uma herança pedagógica alheia aos novos dias. Salvo raras exceções, os parâmetros que regem a escolarização ainda são regidos por um sujeito abstrato, idealizado e desenraizado dos condicionantes sócio-históricos". Além dessas transformações ocorridas da sociedade e das regras escolares, VASCONCELLOS (op.cit) ainda fala do papel da escola há algumas décadas, como instrumento de ascensão social e fonte privilegiada de informações. Valorizava-se o professor por ser mediador dessa ascensão social, o qual tinha uma formação mais consciente da realidade e melhor remuneração. A família apoiava incondicionalmente a escola. A clientela que freqüentava a escola tinha maior afinidade com o tipo de saber que ali era vinculado.

A queda do mito da ascensão social através da escola provocou uma crise de indisciplina por ocasionar falta de motivação do aluno em adquirir o conhecimento transmitido por ela. A escola não conseguiu acompanhar o desenvolvimento da sociedade e mesmo com pedagogias novas, ainda resistem os métodos tradicionais, desse modo, os alunos se sentem pouco motivados dentro da escola, porque fora dela existem muito mais atrativos. Só que a sociedade, que também enfrenta crises, como já citado, provoca no jovem uma crise de sentidos que o desorienta. E a escola passa então a não ser mais a simples transmissora de conhecimentos, o lugar ideal, mas um lugar onde

também existe discriminação e seleção social. Nessa mudança o aluno não encontra parâmetros para seguir e acaba por agir de forma inadequada, seja por meio de agressividade ou passivamente. Falta-lhe perspectiva: estudar para quê?

2.4 A Prática Pedagógica e as Causas da Indisciplina

2.4.1 O Papel da Escola

Para entender e posteriormente desenvolver técnicas que busquem solucionar, pelo menos em parte, o problema da indisciplina no contexto escolar, é preciso ter clareza do que cada instituição considera como indisciplina. Normalmente, a indisciplina é relegada apenas ao comportamento do aluno, quando este rompe com as normas institucionais, provocando uma desorientação e como consequência, criam-se novos movimentos e novas regras.

Para a escola, ter disciplina é manter a ordem, como expressa PASSOS (1996) e para isso são estabelecidas regras, tanto individuais como coletivas que servem para desenvolver nos alunos "uma dependência quase infantil, que os impede de crescer como sujeitos auto-suficientes e automotivados". Um indivíduo que se submete constantemente à autoridade severa, acaba por produzir uma auto-imagem de submissão, afetando sua auto-estima e perdendo a confiança em si próprio quando precisa tomar decisões.

A escola está acostumada a ver os alunos como iguais, procura homogeneizá-los através das regras disciplinares ou de atividades que controlam "tempo, espaço, movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo-os uma atitude de submissão e docilidade". (Guimarães, 1996). A única disciplina exigida nesse caso é aquela que visa controlar o comportamento dos alunos e dos profissionais da educação. Carvalho (1996) acha que "essa crença de que exista um único tipo de comportamento a que chamamos de *disciplinado* é responsável por muitas das aflições que temos em relação à suposta *indisciplina* dos alunos".

Se for analisada a disciplina cobrada em instituições religiosas e militares, percebe-se que as pessoas são levadas a assumir um comportamento padronizado, respeitando as regras das mesmas. E em muitos casos a escola

tenta manter um *status* parecido com o destas instituições e acaba gerando mais indisciplina por estar desta forma, quebrando o vínculo democrático e desrespeitando o direito de cada indivíduo numa organização heterogênea como é, que deve educar justamente para a democracia.

Disciplina é uma prática social, porém "ter disciplina para realizar algo não significa ser disciplinado para tudo." (Carvalho, op. cit.). Em muitos momentos é necessário fugir da ordem ou do padrão comportamental para que o ensino/aprendizagem aconteça. A disciplina precisa ser entendida pelas escolas não apenas como algo do aluno, mas de todos os envolvidos com o processo ensino/aprendizagem, pois está relacionada à forma como a escola organiza e desenvolve o seu trabalho. O aluno, principal alvo das reflexões, precisa conhecer exatamente o sentido da escola. Vasconcellos (2000) faz refletir sobre a função social da escola, que deixou de ser o lugar de busca de ascensão social e por isso deixou também uma desorientação enorme tanto em alunos, quanto em pais e professores que sentem dificuldades de entender a efetiva função social da escola.

Deve-se levar em conta que o sistema sócio/político/econômico/cultural exclui e que não há lugar para todos. É nesse pensar que se deve construir um projeto político pedagógico, para desenvolver nos alunos a consciência de que precisam estudar para adquirir competência e com isso transformar a sociedade. Mas para que isso aconteça devem ter objetivos comuns que serão construídos com a compreensão e o esforço coletivos. Deve-se deixar claro ao aluno que ele deve respeitar o pensar da escola assim como a escola respeita-o no que pensa. Criar uma espécie de pacto social, usando coerência no momento de estabelecer regras escolares (Vasconcellos, 2000).

2.4.2. O Papel do Professor

Assim como a escola tenta homogeneizar seus alunos também procura fazer o mesmo com os professores, tentando usar a mesma linha pedagógica dentro de um estabelecimento de ensino. Sabe-se, porém, que na realidade isto não funciona, pois, cada professor segue uma linha própria de pensamento sendo que alguns procuram adequar a sua prática com a pedagogia proposta pela escola e outros trabalham de acordo com a sua visão.

Apesar de constantes aperfeiçoamentos e de pedagogias progressistas estarem ganhando espaço ainda há aquele professor que atua tradicionalmente. Para este só há uma maneira de conseguir disciplina que é através da repressão. O professor usa da sua autoridade para fazer cumprir as regras sem discussão. O aluno, muitas vezes por medo, fica estático, sem qualquer possibilidade de agir espontaneamente, só faz aquilo que lhe é imposto. Com isto a ação pedagógica fica debilitada, onde a reação professor e aluno passa a "desenvolver um ódio surdo e paralisante que, por debaixo da falsa harmonia do respeito formal, destrói o relacionamento e o compromisso educacional" (Vasconcellos, 2000).

Em contrapartida tem a visão liberal, onde os professores procuram deixar o aluno livre, permitindo todo tipo de manifestação, julgando que ele deve ter responsabilidade e para isso precisa ter liberdade total.

A teoria do "cada um na sua", que dirigir ativamente uma sala de aula significa "repressão, implica que o professor na sua trincheira decreta unilateralmente a paz, encosta de lado a metralhadora do professor tradicional e levanta a cabeça. E os alunos, do outro lado da "terra de ninguém", abaixados e submetidos pelo enorme poder de fogo do professor tradicional têm então a oportunidade de mandar as suas balas. Perplexo, o professor cai ferido, perguntando "por que isto, se estou lhes oferecendo a liberdade?"
VASCONCELLOS, 2000)

Na prática do professor que atua na visão tradicional, qualquer atitude do aluno que se contradiz às normas dadas é tido como indisciplina. Porém a indisciplina passiva, ou seja, àquela em que o aluno está sempre quieto, não apresenta nenhum ato de rebeldia, mas que em contraposição, também não desenvolve nenhuma das tarefas que lhe são propostas fica despercebido pelo professor. Já na prática liberal, grande parte dos professores que a praticam, não conseguem deixar claro tudo, o quê e como os alunos devem desenvolver suas atividades, ocasionando, assim, atitudes não condizentes com o ambiente escolar, ou seja, a indisciplina ativa passa a tomar conta das salas de aula. O professor não consegue trabalhar como deveria, pois não soube colocar parâmetros e limites para o desenvolvimento das atividades.

Observam-se duas práticas totalmente opostas, uma justificando-se assim por causa da outra e vice-versa. Os tradicionais não permitem a liberdade para não virar bagunça e os liberais não permitem qualquer repressão para não serem tradicionais e ambos acabam ocasionando indisciplina, um por reprimir demais e

o outro por liberar demais, formando assim um círculo vicioso fechado em si próprio.

Para (Vasconcellos, 2000):

O que angustia é ver que justamente o tipo de professor que se desejaria ter – aberto, crítico, consciente, com uma proposta pedagógica significativa - , não querendo reproduzir a prática autoritária, mas não tendo clareza da nova postura, se perde no meio do caminho: na busca de uma postura libertadora acaba chegando a uma postura liberal espontaneísta (falta de compromisso, de responsabilidade, de disciplina, de conteúdos, etc.).

Existem professores que atuam se equilibrando entre as duas tendências pedagógicas, nem liberal nem tradicional. Seguem uma linha progressista onde a procura de aperfeiçoamento e mudança se faz constante. Sendo assim se tornam pessoas críticas, com capacidade de auto-análise, maleáveis e dispostos a modificar a realidade. Mesmo trabalhando dessa forma, estes professores também esbarram com problemas de indisciplina, pois o aluno que passa por vários professores acaba por não saber agir de acordo com a proposta de cada um deles, porque em cada sala de aula a metodologia de trabalho é diferente, fazendo com que o aluno confunda um pouco as normas. Também deve-se considerar que os fatores externos (emocionais, familiares, sócio-econômicos, etc.) que interferem na atitude de cada um.

Na visão de Vasconcellos (2000), nesta busca do novo, os professores ainda inseguros deixam transparecer aos alunos que se aproveitam dessa situação. A falta de convicção do que se está propondo leva a um afrouxamento da cobrança de limites, conseqüentemente, vão se acumulando as dificuldades, podendo chegar a ponto de uma confusão generalizada na classe. O professor tem nas mãos o papel fundamental da formação das novas gerações. O desenvolvimento dos seres humanos é mediado pelo trabalho do professor. É na sala de aula que se estabelecem complexas redes de relações e é destas relações que podem surgir conflitos. Por isso o professor precisa estar atento para perceber estas manifestações, caso contrário vai transferir para si ou para os alunos tais conflitos.

2.4.3 O papel do aluno

É nas relações vividas em coletivo, que o ser humano se desenvolve e que a criança modela sua personalidade. Na adolescência tais relações são muito intensas e significativas, o que faz com que pais e educadores tenham grandes responsabilidades frente à formação de crianças e de adolescentes. Mas quando se fala em disciplina nem sempre há clareza e consenso na hora de educar. É preciso considerar que "disciplina é a postura do aluno em querer aprender e indisciplina é parte do processo educativo e não há como fazer educação sem indisciplina" (Volker, 2000). Por isso, o aluno geralmente é instável, pode mudar de humor e de interesses pelo saber de forma muito rápida, são os altos e baixos, que pode se caracterizar como indisciplina. Os educadores devem saber que não é todo dia que o aluno vai estar predisposto à aprendizagem, podem haver momentos que ele não vai querer aprender, que o seu interesse vai estar voltado para outros assuntos, como conversas ou brincadeiras, ou assuntos de sua vida pessoal que traz junto consigo para a sala de aula. Essa indisciplina ligada ao saber pode ser considerada normal, porém o que vem acontecendo nas escolas é a não-disciplina tida por Volker (2000) como uma postura contra o processo educativo, o aluno não tem nenhuma vontade de estar na escola, não tem respeito pela escola e nem postura para freqüentá-la. Essa postura muitas vezes chega a ser violenta e destrutiva e o indivíduo que a pratica muitas vezes é considerado "portador de distúrbio comportamental" (Aquino, 2002). Mas o que leva o aluno a desenvolver tal postura?

Uma análise crítica sobre família, sociedade e escola, pode inferir alguns traços dessa postura, porém nem família, nem escola ou sociedade podem ser consideradas culpadas por isso, apesar de apresentarem fatores contribuintes para tal acontecimento. O aluno que chega à escola com certo grau de motivação normalmente é aquele que se adequa às normas e faz parte do sistema escolar sem causar conflitos. Para estar motivado, em primeiro lugar é preciso o incentivo da família para a educação, tornando indispensável a integração família/escola. Ao chegar à escola também precisa encontrar uma certa compatibilidade do que é ensinado aos seus interesses particulares, em sintonia com a vida real. E principalmente deve encontrar na escola um ambiente que favoreça o seu desenvolvimento físico e psíquico. Observado isso, o aluno terá uma motivação

natural para a aprendizagem e conseqüentemente estará de acordo com a disciplina exigida dele. O que se vê, no entanto, são alunos com pouca ou nenhuma motivação, derivadas dos fatores já citados, como também de outros fatores próprios de cada um, ligados na maioria das vezes ao estado emocional e intrapessoal do aluno naquele momento. Portanto, as relações professor/aluno e aluno/aluno são essenciais para manter a disciplina.

Tapia (2000) considera que "*os processos de ensino-aprendizagem são satisfatórios quando se estabelece uma conexão, uma sintonia entre o professor e os alunos, uma cumplicidade*". Comenta ainda que quando a sociedade não oferece condições de emprego e chance profissional aos jovens quando estes saem da escola, devido à falta de perspectivas, este fica desmotivado e a tarefa de motivar recai nos professores, que nem sempre tem preparo profissional ou mesmo vocação para isto, visto que também estes muitas vezes estão desmotivados e isso transparece no decorrer de seu trabalho agravando ainda mais a falta de motivação dos alunos. Pois, segundo o autor, "além da comunicação explícita, daquilo que o professor diz e explica, ele comunica muitas outras coisas: maneira de raciocinar, estilo cognitivo, personalidade, atitudes, valores.

Sabe-se que as atitudes, os valores, a ética se mostram, não se demonstram (Tapia, 2000). O aluno que depara com professores mal preparados sem dúvida vai precisar de um esforço muito maior que o normal para conseguir permanecer na escola e mais ainda, conseguir se manter disciplinado. A motivação é, portanto, fator essencial para favorecer aprendizagem e a disciplina na sala de aula. O mais difícil é conseguir manter uma turma heterogênea motivada. Tapia (2000) simplifica os fatores motivacionais, reduzindo-os a quatro grupos: "a informação recebida se processará em melhores condições se existir *atenção*, se for considerada *útil*, se prever que se vai *Ter êxito* e se a atividade produzir alguma *satisfação*". Ainda considera a qualidade motivacional relacionada com as funções intrínsecas de cada indivíduo, por isso relata os motivos ou necessidades que dirigem os alunos em sua aprendizagem e o tipo de aluno com que o professor se depara: satisfazer a própria curiosidade (aluno curioso); Cumprir as obrigações (aluno consciencioso); Relacionar-se com os demais (aluno sociável); Obter êxito (aluno que busca êxito).

De acordo com essas idéias, uma única estratégia não pode ser válida para todos os alunos e portanto, o trabalho a ser desenvolvido na sala de aula deve levar em conta o tipo de aluno que se faz presente em cada turma, procurando uma forma de atingir a todos, com métodos de ensino variados e estratégias que favoreçam os diversos grupos de alunos. Também é indispensável um trabalho familiar e social procurando suprir as deficiências e auxiliar na motivação pessoal de cada aluno, fator chave para minimizar os problemas disciplinares educacionais.

3 METODOLOGIA

No presente estudo, foi feita uma reflexão teórica a respeito da indisciplina dos alunos na escola. A problemática foi delimitada para as turmas das 5ª a 7ª séries do Ensino fundamental, por ser atualmente o campo de atuação da investigadora.

Foram realizadas investigações com professores atuantes, através de conversas informais e questionários escritos e observações em sala de aula. As entrevistas foram centradas nas perguntas: Você tem alunos indisciplinados? qual fator você considera mais predominante na causa da indisciplina? o que é indisciplina para você? que sugestões você dá para diminuir o problema da indisciplina na escola? As questões foram apresentadas para alguns professores da Escola Estadual de Ensino fundamental Maria Nunes.

Os alunos receberam um questionário que foi respondido em sala de aula e que será feita uma análise mais adiante. Foram aplicados 30 questionários aos alunos, sendo que a escolha foi aleatória em cada série. Dos questionários aplicados, foram analisados 10 de cada série (5ª a 7ª séries), perfazendo um total de 30 alunos questionados, dos quais foi possível chegar às conclusões que serão elucidadas no próximo tópico. A escolha por se trabalhar com todas as séries deu-se devido às intensas reclamações por parte dos professores, bem como da incidência de advertências, chamadas de pais ao colégio, inúmeras solicitações por parte dos professores à administração na tentativa de esta amenizar os problemas indisciplinados.

Os pais puderam dar sua contribuição respondendo a um questionário, que foi levado pela pesquisadora, nas suas próprias casas. Foram entrevistados 10 pais e as perguntas norteadoras foram as seguintes: renda mensal da família; número de pessoas que dependem da renda; quando os filhos saem para passear, de que maneira essas saídas acontecem com mais freqüência? Quando saem sozinhos ou com amigos, os pais (ou responsáveis), se cumprem as orientações recebidas? Quando ele não cumpre o horário estabelecido pelos pais (ou responsáveis), qual a providência que os senhores tomam? O seu filho respeita as ordens dadas? Quando seu filho(a) pede alguma coisa, como os pais procedem?

Buscando investigar fatores que possam gerar indisciplina, fez-se um levantamento de dados em uma escola pública da cidade de Patos, no Estado da Paraíba. Essa escola atende aproximadamente 577 alunos que estudam da 5ª à 7ª série do Ensino Fundamental, onde a maioria das turmas se sobressaem pelo comportamento inadequado, causando transtornos aos professores e funcionários.

Diante da indignação de professores, pais e alunos frente a esta questão de indisciplina, fez-se necessário o estudo das causas para a busca de possíveis soluções.

O direcionamento conferido à pesquisa de campo teve por referencial as questões a que se propõe investigar a partir do projeto de pesquisa:

- Classe social da clientela escolar.
- Estruturação familiar no direcionamento e cobrança de limites.
- Visões diferenciadas de pais e alunos diante das normas da escola.
- Opiniões de professores sobre a indisciplina e suas causas.

Para se desenvolver esta pesquisa foram observadas as diversas turmas da referida escola. E, para que se fizesse uma pesquisa abrangente e comparativa para todos os envolvidos, foi feita uma coleta de dados através da aplicação de questionários (ANEXOS), com 10 professores, 30 alunos e 10 pais de alunos.

Após a aplicação dos questionários, partiu-se para a análise dos dados, tendo em mãos material significativo para as devidas reflexões. Com esses dados tentou-se identificar a realidade disciplinar na prática docente e seus efeitos no cotidiano escolar.

4 APRESENTAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E RESULTADO DOS DADOS

4.1 Caracterização do local da pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Nunes. Essa Escola situa-se no Bairro São Sebastião, na cidade de Patos, no Estado da Paraíba. O bairro onde se localiza tem uma extensão territorial considerável; é polarizado por outros bairros e apresenta um elevado contingente populacional. Apresenta variados problemas sócio-econômicos que vão desde o elevado índice de desemprego dos seus moradores, falta de infra-estrutura básica, bem como é palco de vários conflitos entre os moradores, especialmente os pertencentes às classes sociais menos abastadas. Tem um elevado número de moradores que apresentam faixa etária de 10 a 20 anos. Há registros verbais de que é considerável o número de jovens envolvidos com o consumo de drogas, que há muitas famílias desestruturadas, refletindo-se, principalmente, pela ausência do chefe da família.

Na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Nunes funcionam 17 (dezesete) turmas do Ensino Fundamental, assim distribuídas: 03 (três) turmas do Fundamental I (2ª, 3ª e 4ª séries), 08 (oito) turmas da 5ª série, 03 (três) turmas da 6ª série e 02 (duas) turmas da 7ª série. As turmas do Ensino Fundamental II funcionam nos três turnos. Conta, atualmente, com 577 alunos.

A Escola, que pertence Rede Pública de Ensino, segundo observações e de acordo com informações dos professores, apresentam problemas como: falta de biblioteca; salas de aulas pequenas e não aclimatadas; insuficiência de livros didáticos para serem distribuídos com todos os alunos; falta de ambiente favorável para a prática de esportes; prédio apresentando aspecto deteriorado (em 45 anos foram feitas apenas duas reformas); ausência total de um serviço de assistência social e o ambiente da escola (localização e sistema de iluminação) favorece as atitudes negativas (violência, consumo de drogas).

Outros problemas são registrados na Escola e que, de certa forma, contribuem para gerar um ambiente de indisciplina: o fato de todos os alunos não receberem os livros didáticos e o que recebem não os trazem para a sala de aula; dificuldade da maioria dos alunos com relação à escrita; a falta de compromisso dos alunos para com a escola; o interesse em participar da escola motivado pela

merenda escolar; alunos indisciplinados; há indícios de alunos que consomem drogas; pais agressivos para com a escola.

Segundo os professores, alguns desses alunos conhecem pessoas que têm bom nível econômico, sem contudo terem um elevado nível cultural. É comum eles utilizarem essa situação para justificar a não importância do estudo.

Por que estudar se fulano nunca foi a escola e mora numa casa bonita e anda num carrão?

(Aluno 1)

A televisão também exerce sua influência para que eles emitam opinião, como a abaixo discriminada:

Professora, a senhora viu como o Fernandinho Beira-Mar é poderoso? Ele nunca estudou. Eu quero ser igual a ele.

(Aluno 2)

A Escola, através da direção e de seu corpo docente, tem procurado realizar um trabalho que viabilize uma maior aproximação da escola com a comunidade. Realiza reuniões bimestrais com os pais, tem como pauta os seguintes pontos: apresentar o desempenho dos seus filhos, buscar o apoio da família no sentido de orientá-los quando os mesmos estão apresentando comportamentos que ferem as normas da escola e/ou quando não estão tendo um bom desempenho.

Segundo os professores, logo nos primeiros dias após a reunião percebem uma pequena mudança no comportamento dos alunos, mas com o passar do dia passam a agir da mesma forma. Essa situação reflete o pouco envolvimento da família com os seus filhos. Verifica-se, de um modo geral, que os pais dos alunos menos trabalhosos são os que mais procuram a escola; os pais dos alunos trabalhosos têm uma pequena participação no acompanhamento da vida escolar dos seus filhos. Alguns, inclusive, demonstram atitudes tão agressivas, que ou querem bater nos filhos na própria escola e/ou transferem toda a responsabilidade daquele comportamento para a própria escola.

A escola procura, também, dinamizar suas atividades sócio-culturais. A escolha da mais bela garota, semana do folclore, passeio ciclístico e outras datas comemorativas, são algumas das atividades complementares que a escola desenvolve. Entretanto, registra-se que mesmo em dias festivos, para que a

escola possa efetivar as atividades, há a necessidade de se convocar o policiamento.

Nas salas de aula procura-se fazer um trabalho de conscientização junto ao alunado; verifica-se que esse trabalho torna-se inócuo em função da própria falta de educação familiar. Há um eterno conflito entre o que eles trazem da família e o que a escola procura ensinar-lhes e isso tem dificultado a mudança de postura desses jovens e adolescentes.

4.2 A indisciplina na concepção dos professores

Foi perguntado aos professores, se eles tinham alunos indisciplinados; 100% responderam sim. Isto revela o quadro da realidade escolar o qual se sabe que é um problema que atinge a todos independente de classe social dos alunos e da localização geográfica das escolas.

Isto vem de encontro com:

A (In)Disciplina em sala de aula e na escola tem sido uma preocupação crescente nos últimos anos entre os educadores.(...) Onde se manifesta? No corredor, no pátio, nas imediações da escola, nas festas e eventos da escola e na sala de aula (principal enfoque a ser dado aqui). Como se manifesta? Conversas paralelas, dispersão; professor entra em sala e é como se não tivesse entrado; dá lição e maioria não faz; quando vem professora substituta, é dia de fazer bagunça; alunos não trazem material; se negam de participar da aula; (...) Isto pegando "leve"; se formos aprofundar, podemos entrar no campo da violência: arrombamentos, explosão de bombas, tráfico de drogas, furtos, danificação de veículos, invasão de estranhos, porte de armas, etc. (VASCONCELLOS, 2000)

Foi investigado qual fator dos vários elencados no questionário, os professores consideram a maior causa da indisciplina. Embora tenham sido famílias sem estrutura e os limites mal definidos os mais indicados, vários professores citaram mais de um fator, por serem também relevantes, como é o caso dos fatores sócio-econômicos, escolas desvinculadas da realidade, alunos sem perspectiva de futuro e falta de preparo dos profissionais da educação.

Essa idéia é destacada por REGO (1996) quando se refere a visão dos educadores sobre o comportamento indisciplinado do aluno. Estes julgam ser culpa da família e, por isso, a escola não assume nenhuma responsabilidade. Diz

ainda que há a idéia de indisciplina como reflexo de pobreza e violência presente na sociedade e fomentada nos meios de comunicação principalmente televisão.

O papel da escola influencia diretamente no desenvolvimento e na aprendizagem do aluno e sabendo que o processo educativo formado no ambiente escolar é uma extensão da visão de todos os envolvidos, principalmente nas explicações dos educadores, foi necessário fazer o levantamento dessas questões perguntando aos professores: o que é indisciplina para você? Obteve-se como resposta os seguintes depoimentos:

"É atitude de quem não se submete á disciplina, desobediência as normas da escola. A falta de respeito, não saber ouvir; xingar e agredir os colegas e as outras pessoas

(Professor 1)

"mau comportamento, rebelde, é quando um indivíduo não obedece as regras de uma sociedade ou do estabelecimento por ele freqüentado.

(Professor 2)

"É o mal comportamento, desobediência dos alunos e não acompanhamento dos pais."

(Professor 3)

"É a falta de respeito, não saber ouvir, não Ter educação, e sem formação."

(Professor 4)

"É aquele que não está em correspondência com as leis e normas estabelecidas por uma determinada unidade de ensino."

(Professor 5)

"É a falta de respeito e de educação."

(Professor 6)

"É falta de respeito, desobediência aos professores e demais autoridades escolares e mau relacionamento com os colegas."

(Professor 7)

"São reações inadequadas à realidade educacional. Quando se exige tanto do profissional em educação e ao aluno é dado todo apoio."

(Professor 8)

"É a falta de respeito e obediência ao regulamento e aos profissionais da educação."

(Professor 9)

"Falta de comportamento, de formação familiar e de valorização dos princípios morais."

(Professor 10)

Deve-se compreender que todos os depoimentos referem-se à indisciplina apenas do aluno e isto fica bem claro em:

No plano educativo um aluno indisciplinado não é entendido como aquele que questiona, pergunta, se inquieta e se movimenta na sala, mas sim como aquele que não respeita

a opinião e sentimento alheios, que apresenta dificuldades em entender o ponto de vista do outro e de se autogovernar, que não consegue compartilhar, dialogar e conviver de modo cooperativo com seus pares. (REGO, 1996)

Outras opiniões sobre indisciplina levam a uma interpretação crítica, ao se analisar a visão de Rego (1996) que diz que se costuma compreender a indisciplina, manifesta por um indivíduo ou um grupo, como um "comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na 'falta de educação ou de desrespeito pelas autoridades', na bagunça ou agitação motora."

Visto que a abordagem central dessa pesquisa era a indisciplina na escola, perguntou-se aos professores: que sugestões você dá para diminuir o problema da indisciplina na escola? Foram várias sugestões quase todas voltadas para o contexto da família, onde alguns professores deram dicas, simples e de fácil aplicação. Como é o caso da sugestão:

"Conscientizar a família de que a educação começa em casa; valorização dos princípios morais e o acompanhamento do ensino aprendizagem;
(Professor 1)

"Que os pais ou responsáveis acompanhem mais seus filhos e que a escola e a comunidade reunam-se para discutir os problemas causados pelos alunos."
(Professor 2)

"Que haja mais diálogo entre pais, filhos e escola."
(Professor 3)

"Começar a se educar em casa, com o apoio e a conversa dos pais"
(Professor 6)

"Que a família e a sociedade assumisse o compromisso de cumprir a responsabilidade correta"
(Professor 7)

"Que a família e os outros segmentos da sociedade assumam o papel que lhe compete na educação."
(Professor 9)

Pode-se observar também que outros fizeram pequenos desabafos com relação à escola, como é o caso das opiniões abaixo:

"mudança para o sistema educacional, pois observa-se que o mesmo está dando muito apoio ao aluno"
(Professor 1)

"Eliminar práticas escolares humilhantes, ineficientes e insatisfatórias, através de encontros e experiências que potencializem comunicações e relações significativas com colegas e com objetos de conhecimento."

(Professor 5)

"Trabalhar família/escola, mais autonomia para os diretores de escolas e melhoria no sistema de ensino."

(Professor 8)

Observa-se, portanto, que a grande maioria dos professores acredita que transfere todas as causas da indisciplina para as famílias. Na realidade, sabe-se que a escola pública encontra-se bastante desestruturada. Além do espaço físico, ela também esbarra no problema financeiro e organizacional que acaba interferindo nos métodos de ensino que muitas vezes se torna monótono e sem atrativos, e isto vem de encontro com a seguinte resposta dada por um os professores da escola:

"Recursos necessários para utilização de métodos de ensino mais dinâmicos e atrativos como, por exemplo: Salas de aula mais equipadas, limpas e organizadas, biblioteca mais equipada (mais livros), maior abertura para passeios, excursões, saídas."

(Professor 6)

A indisciplina causada pela falta de estrutura econômica das escolas, poderia ser amenizada se tivesse um trabalho integrado da escola com a comunidade, por intermédio da Associação de Pais e Mestres. Como cita Vasconcellos (2000): *"os profissionais pais podem colocar sua especialidade a serviço da escola (ex: pais médicos, professores, pedreiros, artistas, psicólogos, entre outros)"*.

Mas para envolver a comunidade é preciso estimular a vontade de participar. O vínculo se estabelece quando os pais se sentem importantes. Quando são tratados com consideração e respeito. O que eles tem a dizer é a coisa mais importante naquele momento, e quando eles sentem que as suas opiniões são levadas em conta, quando sentem que passam a integrar o corpo da escola, e que passam a discutir em pé de igualdade, eles ampliam a sua noção de casa, de lar e incorporam a escola, como parte de sua vida.

Também se a comunidade participar mais e com mais intensidade no cotidiano da escola poderá haver um despertar da conscientização dos pais sobre

os problemas enfrentados por professores e equipe pedagógica no que diz respeito à indisciplina. Alguns professores têm esta visão e sugerem:

"Reuniões com as famílias para orientá-los na questão dos limites, trazendo para estas reuniões conselheiros tutelares, promotores e delegados de menores e também psicólogos."

(Professor 5)

"Conhecer a realidade estrutural familiar. Cursos palestras e encontros envolvendo as atividades da escola."

(Professor 3)

"A escola deve procurar trazer a família para as reuniões, não só para falar de notas mas tentar aproximá-la à todo acontecimento, encontros e palestras."

(Professor 2)

A família precisa de orientação e estar presente na vida escolar dos filhos.

Na visão de Vasconcellos (2000):

"Acompanhar sempre a vida escolar e não apenas quando o filho tem "nota vermelha". Ainda existem pais que diante dos resultados não satisfatórios na escola, ameaçam ou chegam mesmo a espancar fortemente os filhos. Com isto, não resolvem o problema e ainda criam uma enorme barreira com as crianças. Se a criança está indo mal, é preciso ver qual a causa".

Só a participação ativa dos pais não é suficiente para abrandar os problemas da indisciplina. Há que se pensar na escola como um todo, comunidade, pais, professores e funcionários, e que todos devem ter um tratamento humanizado com base no respeito ao próximo. Para tanto faz-se necessário estabelecer regras e valores para serem seguidos, tais como as seguintes sugestões que foram dadas pelos professores:

- *Ensinar, resgatar valores de amor pelo próximo.*
- *Regras bem determinadas pela equipe administrativa da escola e cobrança por parte de todos (direção, equipe pedagógica, professores e funcionários).*
- *Todos os profissionais da escola devem assumir a responsabilidade da disciplina, ordem e organização.*

Nestas sugestões fica evidenciado que todos os profissionais entrevistados, a seu modo, procuram explicar as razões da incidência da indisciplina na escola. Percebem que algo está errado e que é necessário que

haja mudanças em todos os sentidos: escola, comunidade e família. As complexas relações que compõem o sistema escola, família e sociedade não devem ter um olhar parcial sobre o problema disciplinar mas desenvolver um estudo aprofundado e globalizado sobre a questão.

4.3 O aluno, seus limites e os fatores disciplinares

Os fatos das escolas estarem enfrentando muitos problemas de indisciplina provoca grandes discussões sobre o assunto, sendo que entre muitos fatores o mais visível é a questão dos limites.

Buscando uma investigação dos comportamentos e atitudes dos adolescentes, procurou-se elaborar uma pesquisa que pudesse trazer informações referente a esses limites e dos compromissos sociais e escolares.

Para tanto se perguntou aos alunos:

- Quanto às suas responsabilidades:
 - a) Costuma sair sozinho?
 - b) Diz aos pais aonde vai?
 - c) Tem hora marcada para voltar?
 - d) Cumpre os horários?

Para tais indagações eles responderam objetivamente afirmando ou negando. Os dados levantados indicam que a maioria costuma sair sozinho, dizem aos pais onde vão, têm hora marcada para voltar, mas nem sempre cumprem esses horários. Os dados levantados estão exposto no Quadro I.

QUADRO I – QUESTIONAMENTOS QUANTO AS RESPONSABILIDADES

SÉRIES	COSTUMA SAIR SOZINHO		DIZ AOS PAIS ONDE VAI		TEM HORA MARCADA PARA VOLTAR		CUMPRE OS HORÁRIOS	
	SIM (%)	NÃO (%)	SIM (%)	NÃO (%)	SIM (%)	NÃO (%)	SIM (%)	NÃO (%)
5ª SÉRIE	70	30	90	10	80	20	60	40
6ª SÉRIE	60	40	100	-	40	60	30	70
7ª SÉRIE	70	30	80	20	50	50	30	70

Observa-se que mais da metade dos adolescentes da turma costumam sair sozinhos, porém dizem aos pais aonde vão, têm hora marcada para voltar, porém, com exceção dos alunos da 5ª série, a maioria deles não cumpre os horários. Com essa questão, procurou-se identificar, até que ponto o adolescente assume compromissos com a família e, se ele os cumpre.

Durante a investigação desta situação, foi percebido que, apesar dos dados levantados, fica claro a existência de fatores geradores de comportamentos inadequados, uma vez que os mesmos mostram que estes alunos demonstram falta de responsabilidade, ao não cumprirem os horários.

Ainda ao citar o relacionamento do adolescente com sua família, buscou-se investigar os limites impostos pelos pais perguntando a eles se quando o filho quer alguma coisa ele consegue com facilidade, insiste até conseguir ou aceita o não como resposta (Quadro II).

QUADRO II – QUANDO VOCÊ QUER ALGUMA COISA

SÉRIES	CONSEGUE COM FACILIDADE	ACEITA O NÃO COMO RESPOSTA	INSISTE ATÉ CONSEGUI
5ª SÉRIE	20%	20%	60%
6ª SÉRIE	30%	30%	40%
7ª SÉRIE	10%	10%	80%

Sabe-se que a criança e o adolescente só querem viver coisas que lhe dêem prazer, porém na grande maioria das vezes elas não sabem exatamente o que estão querendo, e quais seriam as repercussões de seus atos. (Parolin, 2001). Por isso a relação de autoridade que ela inicia no relacionamento com os pais lhe possibilita uma convivência politizada e um futuro de autonomia, com respeito às normas sociais.

O percentual de alunos que insistem até conseguirem o que querem é muito maior na turma da 7ª série, seguido dos da 5ª série. Fica claro que na pré-adolescência há mais persistência por parte deles e mais empenho dos pais em exercer a sua autoridade. No decorrer da adolescência eles passam a ter uma fase emocional muito instável, onde choram quase sem motivos, ficam de mal com o mundo, com isso mudam de humor e de idéias com mais facilidade e por essa razão não insistem tanto para conseguirem o que querem.

Ao se observar o Quadro II, verifica-se que há um percentual equilibrado de alunos de ambas das turmas que não aceitam o não como resposta, isto pode ser porque são alunos pertencentes a família de classes sociais mais baixas, com famílias desestruturadas, onde os adolescentes passam a comandar a suas próprias vidas.

Já ao serem indagados sobre as suas responsabilidades com relação à escola, tiveram cinco alternativas para assinalarem as que mais se adequem com o seu perfil. Isto pode ser bem observado no Quadro III.

QUADRO III – RESPONSABILIDADES COM RELAÇÃO À ESCOLA

SÉRIES	CHEGA SEMPRE NO HORÁRIO	ASSISTE TODAS AS AULAS	USA O UNIFORME	ENTREGA O TRABALHO NA HORA MARCADA	FAZ AS ATIVIDADES DIÁRIAS
5ª SÉRIE	70%	60%	90%	70%	20%
6ª SÉRIE	90%	80%	90%	70%	60%
7ª SÉRIE	70%	70%	80%	40%	30%

Analisando esses dados, observa-se uma responsabilidade maior nos alunos da 6ª série que têm um percentual alto, em torno de 90%, no cumprimento dos horários e na presença em sala de aula. 90% deles usam uniforme, que mesmo sendo uma escola pública é obrigatório. Aproximadamente 70%, entrega trabalho na data marcada e 60% fazem as atividades diárias quer em sala de aula ou em casa em forma de tarefa.

O mesmo não se observa em relação às 5ª e 7ª séries. Embora seja elevado o percentual de alunos que chegam no horário, assistem as aulas e usam uniformes, aproximadamente 20% dos alunos a 5ª série não fazem as atividades diárias. E em relação à entrega de trabalhos na data marcada, 70% dos alunos o fazem. O pior desempenho nestes dois últimos itens registra-se na 7ª série.

4.4 A família, fatores sócio-econômicos e os limites disciplinares

O objetivo deste trabalho era investigar até que ponto os fatores sócio-econômicos e os limites interferem na disciplina dos adolescentes na escola, sendo assim, buscou-se investigar junto à família dos alunos pesquisados alguns

itens que clareassem um pouco mais quais os motivos que levam estes a agirem de maneira inadequada. Para tanto se perguntou aos pais qual era a renda familiar e quantas pessoas dependem dessa renda, determinando a renda per capita de cada família.

Os dados levantados junto às famílias mostram que as rendas per capita da maioria das famílias das referidas turmas é baixíssima, em que 70% das famílias vivem com um salário mínimo, 10% com dois salários mínimos e 20% vivem de trabalhos informais, recebendo menos da metade de um salário mínimo, chegando muitas vezes a ficar sem nenhuma renda por um certo período. Muitas vezes a falta de um trabalho fixo remunerado, leva as famílias a condições de pobreza extrema, tendo que morar em condições precárias. Esta precariedade, além de ser muito difícil, contribui para a má formação do adolescente.

Em outras situações, as mães passam a exercer o papel de chefe de família, trabalhando fora e tendo pouco tempo para cuidar dos filhos. Essa função que ainda é específica da mãe, fica afetada porque os pais não assumem esta tarefa de educar, o que muitas vezes faz com que os filhos tenham total liberdade ou falta de limites. Além de tudo isso, os pais que não executam esse papel formador e limitador, passam essa tarefa para a escola, esperando que ela cumpra todos os papéis: pai, mãe e educador, transmissores de valores morais. (ZAGURY, 2000)

Se no dia a dia das famílias não há muito tempo livre para viverem juntos, pais e filhos, buscou-se saber se nos momentos de lazer, a família passa reunida ou se os filhos saem sozinhos ou com amigos. Com essa investigação se dá o primeiro passo para se conhecer até que ponto vão os limites familiares.

Quando os adolescentes saem com os pais, não se identificam muitos problemas, o perigo está quando saem com os amigos, pois a partir daí sofrem as influências externas. Estas influências podem ser negativas dependendo de qual é a companhia escolhida e quais os lugares que freqüentam. Muitas vezes, os adolescentes preferem lugares inadequados à sua idade porque sabem que não existe um controle rígido da sociedade, como por exemplo, comprar cigarros ou bebidas alcóolicas em bares e freqüentar festas são práticas comuns nem sempre fiscalizadas.

Observando-se o Quadro IV, verifica-se que a maioria, em torno de 80%, dos alunos saem acompanhados dos amigos, somente 10% saem com a família e 10% saem sozinhos.

QUADRO IV – DE QUE MANEIRA AS SAÍDAS PARA PASSEAR ACONTECEM

COM FAMÍLIA	10%
SOZINHO	10%
COM AMIGOS	80%

Dos quase 80% de alunos que saem com os amigos, verificou-se que 80% dos pais determinam o horário para voltar. Esse limite de horário deixa evidente que os pais ainda se preocupam com os filhos, mas na hora de cobrar, percebe-se que os alunos ainda têm uma obediência maior às ordens dos pais, pois segundo os próprios pais, 70% cumprem os horários estabelecidos.

Nessa circunstância a atitude da família é essencial na formação do adolescente. Por isso, perguntou-se qual a providência tomada, quando o filho não cumpre o horário estabelecido, pois esse fator é uma forma de estabelecer limites simples e rotineiros, mas que podem interferir na formação disciplinar.

Com relação a esse questionamento, 60% dos pais preferem apenas chamam a atenção para exigir o cumprimento dessa norma estabelecida pela família; 20% proíbem de sair outras vezes e 20% chamam a atenção e penalizam com castigo.

Os pais que impõem limites estão ajudando no amadurecimento dos filhos pois, segundo Parolin (2001): "*dar limites para a ação é um procedimento educativo fundamental para a adequação emocional e social*". O limite por si só não acarreta nenhum benefício, ele precisa vir seguido de cobrança ou de punição pelo não cumprimento, seja penalizando com castigo ou pelo chamado de atenção e se esclarecendo o porquê. É importante que o adolescente saiba que está sendo acompanhado, mesmo que isto seja feito à distância, como é o caso de suas saídas sozinho. Quando os pais se preocupam com a educação dos filhos normalmente há essa cobrança de limites. Mesmo que, muitas vezes, não haja resultados positivos, eles estão tentando agir de maneira correta.

Existem pais que embora coloquem limites esquecem de fazer com que seus filhos os cumpram. Os motivos variam desde o não querer perceber para

evitarem confrontos ou até por não querer se envolver com a educação dos seus filhos.

Quando interrogados sobre se o filho respeita as ordens dadas, os pais puderam escolher entre quatro alternativas que variam de sempre a nunca. Analisando as respostas dadas, observa-se no Quadro V que os pais afirmam que 10% sempre são respeitadas; 50% dizem que quase sempre; em torno de 30% assinalaram poucas vezes e por volta de 10 % responderam nunca, porque o seu filho não precisa de ordens.

QUADRO V – SE O FILHO RESPEITA AS ORDENS DADAS

SEMPRE	10%
QUASE SEMPRE	50%
POUCAS VEZES	30%
NUNCA, POQUE ELE(A) NÃO PRECISA DE ORDENS	10%

O preocupante está nas duas últimas alternativas, onde fica claro que não há limites, ou que esses não estão sendo cobrados. Sabendo-se que crianças e adolescentes buscam satisfações imediatas por ser característico da idade.

Procurando fazer um paralelo com as respostas dos alunos, perguntou-se aos pais o que fazem quando o filho lhes pede alguma coisa. Nas respostas obtidas percebe-se nas respostas dos pais dos alunos que 60% cedem com facilidade, alegando que só o fazem quando têm condições e 30% cedem depois de muita insistência e, somente 10% dos pais não cedem.

QUADRO VI – QUANDO O FILHO PEDE ALGUMA COISA

CEDE COM FACILIDADE	60%
NÃO CEDE	10%
CEDE DEPOIS DE MUITA ISNSISTÊNCIA	30%

Preocupante na questão dos limites, é o percentual de pais que cedem com facilidade. No Quadro VI percebe-se que esse número é de 60%. Observa-se ainda, que esse número pode aumentar com o passar do tempo, pois, os dados mostram que os pais dos alunos cedem mais após a insistência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi investigar a interferência dos fatores sócio-econômicos e dos limites na indisciplina e por se tratar de um tema polêmico e complexo, não pode ser analisado somente com base nas explicações do senso comum.

Os estudos e investigações realizados apontam a indisciplina como conseqüência das falhas nos processos educacionais, tanto na família quanto na escola. As principais causas de indisciplina relacionadas aos alunos são a falta de entendimento de regras e do estabelecimento de critérios internos de valores. Problemas relacionados a desajustes familiares, distorções de valores e de autoestima e a própria fase da adolescência contribuem na ocorrência da indisciplina.

Muitas vezes a desorientação do adolescente frente às normas é reflexo de uma sociedade competitiva, globalizada e consumista, o qual deixa a família sem parâmetros e sem clareza de que limites exigir dos filhos. Apesar da sociedade brasileira ser composta de famílias onde predomina o baixo nível econômico e cultural, conclui-se que este fator não é decisivo para a questão disciplinar.

A indisciplina pode ser ocasionada também pela falta de estrutura familiar. A pesquisa de campo mostrou que os limites mesmo quando são estabelecidos na família, não são cobrados devidamente, portanto trazem como conseqüência a indisciplina.

Percebeu-se que as idéias expressas por pais vão de encontro com as dos filhos, mas estes tendem a omitir suas atitudes. Essas idéias demonstram o quadro da realidade familiar que ocasiona falta de compromisso com as questões educacionais, sendo assim o comportamento desses adolescentes é inadequado no contexto escolar, pois estão acostumados a que as normas criadas não são feitas para serem cumpridas integralmente. O adolescente vive nesse período uma fase desafiadora e procura agir sem compromisso. Quando em família o limite não lhe é cobrado, tenta agir da mesma maneira na escola, testando todo e qualquer sistema que exija dele o cumprimento das normas. Como se percebe, os

pais acabam cedendo aos caprichos dos filhos, ficando claro que poderão apresentar problemas indisciplinares no futuro.

Outra questão disciplinar abordada é a que se refere à escola. O sistema escolar precisa de mudanças que se adequem a sua clientela, reflexo de uma sociedade em crise. Os professores consideram o problema da indisciplina como um fator externo, mas o que se conclui é que a falta de preparo para tantas mudanças contribui, essencialmente, no desnorreamento da realidade escolar.

Enfim, muitos são os fatores causadores da indisciplina na escola mas, em todos eles se faz presente a questão dos limites não colocados adequadamente ou não cobrados devidamente. Pode-se dizer também que eles existem mas não estão claros suficientes para que sejam cumpridos na sua pura e íntegra razão de existir.

A estruturação escolar não poderá ser pensada dissociada da realidade familiar. Em verdade, são elas as duas instituições responsáveis pelo que se denomina educação num sentido amplo. A indisciplina instalada revela um sintoma de relações familiares desagregadoras incapazes de realizar a contento sua parcela no trabalho educacional dos nossos adolescentes. A educação não é tão-somente responsabilidade integral da escola. No cotidiano escolar constata-se que os professores, na sua maioria, se vêm completamente incapacitados para lidar lidar com essa realidade, e a família delega à escola toda a responsabilidade não só da transmissão do saber mas também da disciplinarização da conduta.

Os pais costumam afirmar que priorizam a disciplina familiar, mas o que se percebe é que as coisas correm muito frouxas, em nome da falta de tempo, e não há um estabelecimento de regras e limites no seio familiar, nem mesmo a disponibilidade para o diálogo e a afirmação da afetividade dos pais pelos filhos e vice-versa.

O papel da escola é relevante, não para compensar carências afetivas e disciplinares da família, mas sim de provocar transformações e desencadear novos processos de desenvolvimento e comportamento. Cabe ressaltar, então que se a família, a sociedade em si e os desmandos de alguns professores são os maiores culpados da indisciplina escolar, entra aí a atuação do professor como tábuas de salvação de vital importância na transformação e a saída possível está mesmo no coração da relação professor-aluno, isto é, nos nossos vínculos cotidianos e, principalmente, na maneira com que nos posicionamos perante o

nosso outro complementar. É papel do professor criar, junto com o aluno, o ambiente cooperativo e fazer com que ambos compreendam a sua importância recuperando-se assim a auto-estima nos alunos.

Diferentemente das idéias presentes no meio educacional, o comportamento indisciplinado não resulta de fatores isolados (como por exemplo, exclusivamente da educação familiar, da influência da TV, da falta de autoridade do professor, da violência da sociedade atual.), mas da multiplicidade de influências que recaem sobre a criança e o adolescente ao longo de seu desenvolvimento. É importante frisar que, vistas sob esse ângulo, as influências não são unidirecionais, não agem de forma isolada ou independente, nem tampouco são recebidas de modo passivo na medida em que o indivíduo internaliza o repertório de seu grupo cultural. Sendo assim, no seu processo de constituição, através de inúmeras interações sociais, receberá influências e informações dos diferentes elementos que compõe este grupo: familiares, instituições, meios de comunicação, instrumentos como livros, brinquedos.

Baseando-se nestas premissas, pode-se deduzir, portanto, que o problema da indisciplina não deve ser encarado como alheio à família nem tampouco à escola, já que, na nossa sociedade, elas são as principais agências educativas. Na verdade, não é o aluno o indisciplinado, mas as relações é que se tornam indisciplinadas.

Se um dos objetivos da educação é o de auxiliar o sujeito a construir uma autonomia do pensamento que "obrigue sua consciência" a respeitar as regras do grupo depois de raciocinar com base em princípios de reciprocidade se aquela regra é justa ou não, isto deverá ser alcançado pôr meio de relações que não envolvam a coação e o respeito unilateral, caso contrário, poderá se obter um comportamento desejado pelo adulto, mas ao preço de reforçar a heteronomia e não um juízo autônomo.

Portanto, somente uma transformação no tipo das relações estabelecidas dentro das escolas, famílias e da sociedade poderá fazer com que o problema da indisciplina seja encarado sob uma perspectiva diferente. Nesse sentido, deve-se objetivar que os princípios subjacentes às regras a serem cumpridas pelo sujeito tenham como pressuposto os ideais democráticos de justiça e igualdade, bem como a construção de relações que auxiliem esse sujeito a "obrigar sua

consciência" a agir com base no respeito a esses princípios, e não por obediência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. *Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus Editorial LTDA, 1996.

_____. **Quando os últimos serão os primeiros**. Nova Escola, São Paulo, v.17, n. 151, p.16, abril 2002.

CARVALHO, José Sérgio F. Os sentidos da (in)disciplina: *regras e métodos como práticas sociais*. (Org). AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial LTDA, 1996.

FRANCO, Luiz Antonio Carvalho. A Disciplina na Escola. **ANDE**, v. 6, n. 1, 1986.

GARCIA, Joe. **A indisciplina no cotidiano da escola**. Disponível em: www.expoente.com.br. Acesso em 20 junho 2000.

GUIMARÃES, Áurea Maria. Indisciplina e violência: a *ambiguidade dos conflitos na escola*. (Org) AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial LTDA, 1996.

JUSKA, Alexandre. **REVISTA DO PROFESSOR**: Porto Alegre. 1995.

MORENO, M.C. e CUBERO, R. Indisciplina: como lidar com ela? In: **Revista Nova Escola**, Rio de Janeiro: junho/1998.

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. **Mas eu quero!** Psicopedagogia On Line. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos>. <Acesso em: 27 outubro 2003>.

PASSOS, Laurizete Ferragut. A indisciplina e o cotidiano escolar: *novas abordagens, novos significados*. (Org.) AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial LTDA, 1996.

PELLANDA, Nize Maria Campos; PELLANDA, Eduardo Campos. **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

PEREIRA, Amélia Pinto. **Indisciplina e violência: na escola ou na sociedade?** Opiniões, Cascavel, Edição nº 2649, maio, 2001. Disponível em: <http://www.jhoje.com.br/opiniões.htm>. Acesso em: 10 junho 2001.

TAPIA, Jesus Alonso; FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula: O que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** São Paulo: Libertad, 2000.

VENTURI, Joacir J. **Educar um filho: trabalho de Hércules?** Gazeta do Povo, Curitiba, 17 junho 1999.

VOLKER, Paulo. **É preciso dizer não!** Rio de Janeiro, 2000. Nova Escola, São Paulo, ano XV, nº 130, p.15-17, mar.2000. Entrevista concedida a Ricardo Falzetta.

ZAGURY, Tania. **Família, disciplina e ética.** Educação AEC, Brasília, Mensal. Abril/junho, 1997.

_____. **Quem escolhe a escola dos filhos?** Disponível em : www.aescola.com.br/colunas. <Acesso em 27 out 2003>.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

Anexo I

Quanto à questão da indisciplina:

1- Você tem alunos indisciplinados?

a) () sim b) () não

2- Qual fator você considera mais predominante na causa da indisciplina?

a) () Família sem estrutura.

b) () Fatores sócio-econômicos

c) () Globalização

d) () Limites mal definidos.

e) () Falta de preparo dos profissionais de educação.

f) () Escola desvinculada da realidade.

g) () Alunos sem perspectiva de futuro.

h) () Outros. Quais? _____

3- O que é indisciplina para você?

4- Que sugestões você dá para diminuir o problema da indisciplina na escola?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Anexo II

1- Quanto às suas responsabilidades:

a) Você costuma sair sozinho?

sim não

b) Sempre diz aos seus pais (ou responsáveis) onde vai?

sim não

c) Você tem hora marcada para voltar?

sim não

d) Você cumpre esses horários?

sim não

2- Quando você quer alguma coisa:

a) Consegue com facilidade.

b) Aceita o não como resposta.

c) Insiste até conseguir.

3- E na escola:

a) Chega sempre no horário.

b) Assiste todas as aulas.

c) Usa o uniforme.

d) Entrega trabalho na data marcada.

e) Faz as atividades diárias.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS

Anexo III

1- A renda mensal da família é: _____

2- Quantas pessoas dependem dessa renda? _____

3- Quando os filhos saem para passear, de que maneira essas saídas acontecem com mais frequência?

- a) com a família
- b) sozinho
- c) com os amigos

4- Quando saem sozinhos ou com amigos, os pais (ou responsáveis):

a) determinam o horário para voltar?

sim não

b) O horário estabelecido pelos pais (ou responsáveis) é cumprido?

sim não

5- Quando ele não cumpre o horário estabelecido pelos pais (ou responsáveis),

qual a providência que os senhores tomam?

- a) Apenas chamam atenção alertando que está errado.
- b) Penalizam com castigo.
- c) Proíbem sair outras vezes.
- d) Não percebem, por isso nada fazem.
- e) Não se preocupam porque seu filho(a) sabe o que está fazendo.

6- O seu filho respeita as ordens dadas?

- a) sempre
- b) quase sempre
- c) poucas vezes
- d) nunca, porque ele(a) não precisa de ordens.

7- Quando seu filho(a) pede alguma coisa:

- a) cede com facilidade.
- b) não cede

c) () cede depois de muita insistência